

Santa Beatriz da Silva no teatro espanhol do séc. XVII

«— Guardami ben. Ben son, ben son Beatrice
(Dante, *Purgatório*, XXX, 25)

A 3 de Outubro de 1976, canonizou Paulo VI a portuguesa Beatriz da Silva. Que ela nos guie nesta viagem difícil, como a Beatriz da *Divina Comédia* (talvez a florentina Beatrice Portinari, elevada a símbolo da Sabedoria Divina) guiou Dante pelos caminhos luminosos do Paraíso.

Da vida de Santa Beatriz da Silva, antes de se acolher, como secular, ao convento dominicano de Toledo, pouco sabemos ao certo. O cronista Duarte Nunes de Leão († 1608), por exemplo, limita-se a resumir a lenda e a apontar a sua estadia entre as dominicanas de Toledo, antes de fundar a Ordem das Concepcionistas¹. E veremos em breve que Frei Marcos de Lisboa pouco mais fez, embora tomasse como base da sua narrativa os *memoriales de Toledo*, como ele diz.

De João de Meneses, irmão de Santa Beatriz da Silva e de tão grande relevo na peça de Tirso de Molina, também ignoramos quase tudo, antes de ele abandonar o mundo. Quase tudo, mas não tudo. Com efeito, a 6 de Maio de 1451, concedeu el-rei D. Afonso V uma carta de perdão a Gil Eanes Alçaperna, por ter combatido a seu favor «em a guerra que ouvemos com o Ifante Dom Pedro». Ora, o rei acrescenta ter afirmado Gil Eanes que, nessa guerra, «nos elle servira, em companhia de Pero Gomez e de

¹ DUARTE NUNES DE LEÃO, *Crónica e Vida del-rei D. Afonso V*, cap. 15. Para bibliografia antiga, sobretudo portuguesa e espanhola, acerca de Santa Beatriz, cf. *Hagiológico Lusitano*, t. 4 (Lisboa, 1744) p. 595. A biografia científica de Santa Beatriz da Silva está ainda por fazer.

Joham de Meneses, filhos de Ruy Gomes da Silva»². Em suma, João de Meneses, o futuro Beato Amadeu, era ainda soldado em 1449. E não só ele e seu irmão Pero Gomes da Silva. Com efeito, sempre ao lado do rei, também lá estiveram outros dois irmãos de Santa Beatriz da Silva: Fernão da Silva Meneses e Diogo³.

Nada tão confuso como as árvores genealógicas de nomes iguais e da mesma época. Por isso nos encostamos a Braamcamp Freire, nos *Brasões da Sala de Sintra*, que transcrevemos ou resumimos: «Para me conformar com a tradição, mantereí neste lugar Rui Gomes da Silva, alcaide-mor de Campo Maior e Ougucla; mas em obediência à verdade, tenho de confessar que não sei de quem ele fosse filho. Não o pode ter sido, nem de Aires Gomes da Silva, o Velho, como querem Xisto Tavares e os mais antigos genealogistas portugueses; não o pode ter sido de Aires Gomes da Silva, o Moço, como afirmam Salazar y Castro e os genealogistas modernos. Deverei, pois, escrever, seguindo o autor do meu *Nobiliário quinhentista: Ruy Gomes da Silva, filho de* , *allcayde mor de Campo Mayor e Ougucla...* Isto é o mais conforme à verdade, no estado em que nos deixa a falta de documentos». Passou Rui Gomes da Silva a Ceuta e lá ficou em serviço, com tanto agrado do capitão D. Pedro de Meneses que ele o casou, em 1422, com sua filha natural D.^a Isabel de Meneses. Esteve na expedição de Tânger e enviou-o o infante D. Henrique a falar com o rei de Marrocos, em Fez. Mostrava-se prudente, era bom cavaleiro e ainda vivia em 1449, quando lhe confirmaram várias mercês del-rei D. Duarte⁴.

Do seu casamento, teve Rui Gomes da Silva 11 filhos e filhas: Pero Gomes da Silva, 2.^o alcaide-mor de Campo Maior e Ougucla, que ainda vivia em 1465 e morreu sem geração. Segue-se Fernão da Silva, ou Fernão da Silva de Meneses, que deveria ser o 3.^o alcaide-mor de Campo Maior e Ougucla, por morte do irmão mais velho. Porém, não o foi, por andar em Castela, à morte do irmão. Temos, depois, Diogo Gomes da Silva, 1.^o conde de

² PEDRO DE AZEVEDO, *Documentos das Chancelarias Reais Anteriores a 1531 Relativos a Marrocos*, t. 2 (Lisboa, 1934) p. 24.

³ HUMBERTO BAQUERO MORENO, *A Batalha de Alfarrobeira* (Lourenço Marques, 1973) p. 956.

⁴ Arquivámos ainda estas palavras de Frei João Alvares, a respeito de Rui Gomes da Silva: «Éstes todos hyam de pee ante o Ifante. E tanbem hia hy Rui Gomes de Silva, alcaide de Campo Mayor, que foy enbaixador deste trauto e hia pera receber o filho de Calla bem Çalla e pera o levar aos navios». Cf. FREI JOÃO ALVARES, *Obras*, t. 1 (Coimbra, 1960) p. 26, ed. por A. de Almeida Calado.

Portalegre, e Afonso Teles de Meneses, 3.º alcaide-mor de Campo Maior e Ouguela. Dos filhos, falta ainda nomear João de Meneses da Silva ou simplesmente João da Silva, o futuro Beato Amadeu. E Braamcamp Freire junta: Dizem que se tomou de amores «pela infanta D. Leonor, irmã de D. Afonso V, e adoptou por empresa um falcão volante com esta letra: IGNOTO DEO. Em 1452, no mesmo ano em que a infanta se recebeu em Siena com o imperador Frederico III, passou João da Silva ocultamente a Roma, onde viu a Imperatriz, coroada por mão do Papa. Então, desenganado de todo, resolveu entrar em religião, vindo a professar a Ordem de S. Francisco». Passou a Milão e deu-lhe o duque o terreno necessário para ali fundar o Convento da Paz. E assim nasceu a congregação dos *amadeus*, em 1460. O papa Sisto IV chamou-o a Roma, fez dele seu confessor, continua Braamcamp Freire, e deu-lhe a casa de S. Pedro em Montório, na cidade de Roma, para convento. Quando ali estava, foi reconhecido por seu primo D. Garcia de Meneses, bispo de Évora. Após a morte do pontífice, tornou a Milão, onde faleceu em 1482. «Alguns autores não acreditam nos amores pela Imperatriz, julgando esta parte da biografia do beato Amadeu um mero romance», acentua Braamcamp Freire.

Passando às mulheres, temos D.^a Branca de Meneses, casada com João Rodrigues Ribeiro, terceiro senhor de Pedrógão e Figueiró. Segue-se D.^a Guiomar de Meneses, mulher de Álvaro de Sousa, senhor de Miranda. Depois, vem a nossa D.^a Beatriz da Silva que «institui, em 1484, nos paços de Galiana, a Ordem da Conceição de Maria e veio a morrer em 17 de Agosto de 1490». Para acabar, temos ainda D.^a Maria de Meneses, mulher de Gil de Magalhães, senhor da terra da Nóbrega, e duas irmãs falecidas solteiras: D.^a Leonor e D.^a Catarina da Silva ⁵.

Teria havido outros filhos, legítimos ou ilegítimos? Não sei. Rui Gomes da Silva tornou-se um dos heróis das guerras de África e Gomes Eanes de Zurara conta os seus feitos *per longum et latum*, na *Crónica da Tomada de Ceuta*, na *Crónica de D. Pedro de Meneses* e no cap. 4, pelo menos, da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Ora bem, nesta última obra fala-nos ele de Aires da Silva, «nobre cavalleiro». Ao perseguir os mouros, «foi o cavallo empeçar antre dois vallados, onde deu com ele no chão,

⁵ A. BRAAMCAMP FREIRE, *Brasões da Sala de Sintra*, t. 2 (Coimbra, 1927) pp. 17-20.

e ao cair deu da cabeça e quebrou-lhe uma queixada com hum pedaço de casco, das quaes feridas a poucos dias morreo em Cepta. E foi achado que morreo virgem, e com hum sedenho cinto a carão da carne»⁶. O sedenho era uma espécie de cilício ou meia túnica de pêlos ásperos, às vezes de cabra ou de fios de piteira. Diz a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* que ele era também filho de Rui Gomes da Silva, alcaide de Campo Maior. Se não era, pertencia à mesma raça espiritual de João de Meneses e de sua irmã Beatriz da Silva.

A lenda romântica que nimba estes dois irmãos é um tópico daqueles tempos e veremos o mesmo em Bernardim Ribeiro. Basta ler o *Hagiológico Lusitano*, ao anotar a biografia do Beato Amadeu: «Da Infanta D. Brites, filha del Rey D. Manoel, se enamorou Bernardim Ribeiro, homem nobre, mas não da esfera de João de Menezes. Era dotado de singular engenho, e na Poesia daquelle tempo elevado. Gostava a Infante daquelle estudo, e por isso o honrava, ouvindo com atenção os seus versos. Desposada a Infante com o Duque de Saboya Carlos III, no dia que sahio do porto de Lisboa a Armada, se poz no alto da Serra de Cintra Bernardim Ribeiro, donde se descobre hum grande parte do mar Oceano, e esteve seguindo a Armada, até que a perdeo de vista. Naquelle Serra feito Ermitão da sua amorosa loucura, compoz aquelle estimado livro, que intitidou *Saudades*. Passado tempo, caminhou para Itália, entrou em Saboya, só por ver a causa da sua paixão. Soube que a Princeza tinha hora determinada, em que por sua mão dava esmola aos pobres; introduziu-se na sua companhia, só para a ver; conheceo-o e lhe ordenou que sahissem sem demora da Cidade, porque já se tinham acabado os entretimentos antigos do Paço Portuguez; obedeceo, mas não em aceitar o socorro que generosamente lhe dava, para voltar à Pátria, aonde deu com a vida fim à peregrinação»⁷. Em Beatriz da Silva, no Beato Amadeu e em Bernardim Ribeiro, alimentam-se as lendas da própria beleza (uma flor não se refuta com silogismos...) e amparam-se umas às outras, com um fundo comum a todas.

Repetimos que são vidas ainda por estudar documentalmente, as dos dois irmãos, sobretudo antes da entrada em religião. E Frei

⁶ GOMES EANES DE ZURARA, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, em «Inéditos da História Portuguesa», t. 3 (Lisboa, 1793) p. 258.

⁷ *Hagiológico Lusitano*, t. 4 (Lisboa, 1744) pp. 509-510.

Marcos de Lisboa, apesar de se referir aos «memoriales de Toledo», pouco ou nada acrescenta em torno de Santa Beatriz. Quanto ao Beato Amadeu, o cronista franciscano adopta a lenda inconsistente dos seus amores. Após a desilusão, conta-nos Frei Marcos de Lisboa que João de Meneses tomou para si os caminhos da vida contemplativa, primeiro na ordem dos jerónimos e depois na de S. Francisco. Com efeito, no dizer do cronista, partiu João de Meneses, de Portugal para a Itália, ainda secular, «por ciertas aficiones secretas [...] en el tiempo que la emperatriz doña Leonor, hija del Rei D. Duarte», se casou com Frederico III e foi coroada em Roma. E acrescenta: depois de D.^a Leonor partir de Nápoles para a Alemanha, o sobredito «Juan de Meneses, alumbrado por la divina gracia en el conocimiento de las vanidades del mundo y adonde todas van a parar, dexó el siglo e hizose religioso»⁸.

Aqui está uma maneira discreta de nos dizer que D. João de Meneses se apaixonara por D.^a Leonor e a seguira até à Itália, levado por vãos pensamentos.

Casara D.^a Leonor em Lisboa, por procuração, a 9 de Agosto de 1451, havendo então grandes festas e representações teatrais⁹. A seguir, embarcou para a Itália e chegou a Leorne a 2 de Fevereiro de 1452. Quanto a D. João de Meneses, teria ele, de facto, sido religioso de S. Jerónimo, antes de entrar para franciscano? Se o foi, gostaríamos de saber quando e onde. Já Frei Marcos de Lisboa se queixava de os amadeítas terem envolto em lendas a bela figura do seu fundador. Mas para nós, *hic et nunc*, só interessa uma coisa acima de tudo: saber que a lenda antiga da frustração dos amores de D. João de Meneses entrou dramaticamente no teatro de Tirso de Molina, na comédia *Doña Beatriz de Silva*. A lenda dos amores e também a lenda (julgamos nós) da sua estadia entre os ermitas de S. Jerónimo.

Veremos adiante nada haver de seguro sobre qualquer paixão espectacular del-rei D. João II de Castela e doutros magnates espanhóis ou portugueses por D.^a Beatriz da Silva. Na sua vida, muitas datas oscilam, aqui e além. Porém, a pedra e cal, temos a fundação da Ordem das Concepcionistas, em Toledo, e a sua aprovação pelo papa, no ano de 1489. Quanto ao mais, ignoramos imensas coisas.

⁸ FREI MARCOS DE LISBOA, *Crónicas de la Orden de los Frayles Menores*, t. 3 (Lisboa, 1615) f. 179.

⁹ MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 1 (Lisboa, 1969) pp. 35-44.

Em 1923, publicou-se, em Valhadolide, *La Bella Prisionera, Breve Compendio Histórico de la Prodigiosa Vida de la Venerable Madre Beatriz de Silva, Ínclita Fundadora de la Orden de la Purísima Concepción. Sacado de cuanto de ella han escrito los historiadores de nuestra Religión Seráfica, Sor Catalina de San Antonio y la Venerable Madre Sor Juana de San Miguel contemporánea de la Sierva de Dios. Para conmemorar el quinto centenario de su nacimiento: 1424-1924.*

Foi autora desta obrinha a Madre Ângela de las Llagas, abadessa do Convento de Peñaranda de Duero. E situa a morte da Santa a 9 de Agosto de 1490, enquanto certos escritores tendem para o ano de 1491 ou 1492. Por sua vez, Carlos da Silva Tarouca, quanto ao nascimento da Santa, prefere deixar uma larga margem de opção, entre 1420 e 1430. Naqueles tempos, havia quem pouco se importava com a exactidão das datas e dos anos de cada um. Até a inteligente e positiva Santa Teresa de Ávila afirmava ter quase 12 anos, quando lhe morreu a mãe. Ora bem, Frei Silvério de Santa Teresa corrige-a, neste ponto, e afirma que teria então 14 anos já feitos e não 12¹⁰: «Aunque la Santa dice que tendría como doce años al morir su madre, no la podemos seguir en esto; pues sabido es que en achaques de cronología no suele estar muy fuerte. D.^a Beatriz hizo su testamento el 24 de Noviembre de 1528 y poco después murió. Habiendo nacido la Santa en 1515, había entrado ya en los catorce años».

Waddingus refere-nos a história (digamos assim) de Santa Beatriz, de como ela foi para a corte de Castela, na companhia da sua parenta a rainha D.^a Isabel. Extraordinariamente bonita, muitos se apaixonaram por D.^a Beatriz, até o rei. Para dela se vingar, a rainha encerrou-a num apertado compartimento, sem comer nem beber. Foi então que a moça portuguesa prometeu fazer voto de castidade, se a Virgem Nossa Senhora a livrasse daquela escura prisão. Apareceu-lhe então a Virgem Maria, vestida de branco e manto azul. E a Mãe de Deus prometeu libertá-la dentro de três dias. Passava-se isto no palácio de Tordesilhas. Uma vez liberta, fugiu para Toledo e, no caminho, viu dois franciscanos. Um deles, Sto. António, falou-lhe em português e profetizou-lhe que seria mãe de muitas virgens do Senhor. Passou muitos anos entre as dominicanas de Toledo e ali viu de novo a Virgem

¹⁰ SANTA TERESA DE JESUS, *Obras*, t. 1 (Burgos, 1915) p. 7, nota 2. No texto, escreve Santa Teresa: «cuando murió mi madre, quedé yo de edad de doce años, poco menos».

Maria: Que fundasse a Ordem da Imaculada Conceição! Reinavam já Fernando e Isabel a Católica. Esta ofereceu a Beatriz parte do Palácio de Galiana e ali principiou a nova ordem, com a irmã de D. João de Meneses por superiora de doze freiras. Em 1489, aprovou Inocêncio VIII o instituto, que Santa Beatriz da Silva colocara sob a regra de Cister. Inocêncio VIII correspondia, assim, ao que lhe pedira a sua dilecta filha em Cristo, Beatriz da Silva, mulher de Toledo: «dilectae in Christo filiae Beatricis de Sylva, mulieris toletanae», a qual Beatriz «afirma ser de nobre geração». Destinava-se tudo a honrar a Imaculada Conceição de Nossa Senhora e a desenvolver o seu culto. E Waddingus acrescenta: Morreu em 1490, aos 66 anos de idade¹¹.

Ora bem, nos dados biográficos (verdadeiros ou lendários) já citados por nós, temos o esquema da comédia *Doña Beatriz de Silva*, de Tirso de Molina. Porém, acaba tudo nas proximidades de Toledo, com os reis a acompanhar amavelmente a fugitiva. O resto da história ficaria para segunda peça de teatro — aliás nunca escrita por Tirso de Molina.

Será preciso acentuar que também Frei Marcos de Lisboa, apesar de se fundar nos *memoriales de Toledo*¹², repete o que todos nós já sabemos, à maneira da autora de *La Bella Prisionera*? No entanto, esta alega como testemunha da vida de D.^a Beatriz uma freira contemporânea da Santa, Sor Juana de San Miguel. De Frei Marcos de Lisboa queremos, ainda assim, isolar uma frase: recolheu-se D.^a Beatriz, com duas criadas, no convento de S. Domingos, em Toledo, «y en el estuvo treinta años, en hábito seglar»¹³. Nunca foi, por conseguinte, freira de S. Domingos. Nisto, concordam todos. E agora, podemos falar da situação de Beatriz da Silva no teatro espanhol.

1. A comédia de Tirso de Molina

Nascido em Madrid, Tirso de Molina, ou melhor, Fray Gabriel Téllez, fez a sua profissão na Ordem de Nossa Senhora das Mercês, em 1601. Morreu de bastante idade, no convento de Sória, no ano de 1648.

¹¹ WADDINGUS, *Annales Minorum*, t. 15 (Roma, 1736) pp. 231-234.

¹² FREI MARCOS DE LISBOA, *Crónicas de la Orden de los Frayles Menores*, t. 3 (Lisboa 1615) fs. 215-216.

¹³ *Ib.*, fl. 216.

Só depois de frade é que ele escreveu para o teatro. *El Burlador de Sevilla*, *Don Gil de las Galzas Verdes*, *La Villana de Vallecas* e *Los Amantes de Teruel* bastariam para colocar Tirso de Molina entre os grandes nomes da literatura dramática. Quase tão hábil e variado como Lope de Vega, este frade observador, perspicaz, gracioso na sátira e estilista de raça, chega a superá-lo em finura psicológica.

Atravessou os mares até à ilha de S. Domingos, voltou de lá para Espanha e andou por vários conventos. Para tais andanças concorreram também alguns homens de visão estreita, sob pretexto de que parecia mal a um frade publicar comédias que, muitas vezes, nada tinham de sagrado, acentuavam eles.

Julgamos que *Doña Beatriz de Silva* não escandalizou ninguém. Escreveu-a Tirso de Molina aí por 1618. Defendia-se a Imaculada Conceição e chegara, enfim, a declaração pontifícia que proibia o ensino público de qualquer doutrina contrária. Ora, Beatriz da Silva e as suas freiras faziam parte desse movimento carismático em que o Espírito de Deus concede às almas um sentido teológico que abre caminho ao magistério supremo da Igreja.

Nada mais fácil, como lembrar-se Tirso de Molina das concepcionistas de Toledo, onde então morava, e da romântica tradição em torno da sua fundadora. Assim nasceu uma comédia com mais de vinte personagens deste mundo e do outro, figuras alegóricas, Nossa Senhora menina, D. Álvaro de Luna, o futuro Beato Amadeu e o conde de Portalegre.

São três jornadas com pouca história, muita lenda, alguns anacronismos e, vamos lá, certa sensaboria, aqui e além. Contudo, sempre é uma peça de Tirso de Molina e não lhe falta graça, na figura de Melgar, nem conhecimentos do feitio das raparigas, quando põe Beatriz da Silva a namoriscar à farta no palácio real de Tordesilhas, por simples desporto.

No começo, estamos ainda em Lisboa. Música, bandeiras desfaldadas ao vento, tiros de pólvora seca e vivas, muitos vivas à infanta D.^a Leonor, mulher de Frederico III da Alemanha.

Casaram, na verdade, mas anos depois, em 1451. Ora estamos ainda em 1447, quando D.^a Isabel vai ser rainha de Castela. Dramaticamente, porém, fica melhor juntar ambos os casamentos e, por conseguinte, os amores de D. João de Meneses por Leonor e as paixões que Beatriz da Silva ia atijando já em Lisboa. Não

apertemos, pois, estes e outros anacronismos. Emoção teatral, eis o que se quer!

Alemanha!, gritam uns. Portugal!, respondem outros. Onde nasce o interesse desta passagem? Da presença, ali, de D. João de Meneses, preso de amores pela Imperatriz. Homem experimentado, D. Fernando, conde de Arraiolos, dá-lhe conselhos inúteis. Que tivesse cuidado! Nada de dar nas vistas! Andavam de olho nele, sobretudo os castelhanos que vinham buscar D.^a Isabel para rainha de Castela:

Mirad don Juan de Meneses
que dáis nota en la ciudad
con esos locos extremos,
y que en vos parecen mal.
Atentos en vos reparan
cuantos castellanos hay
en Lisboa, á quien envía
por su esposa el rey don Juan.
Encubrid vuestras pasiones,
ó (si amigo me llamáis)
decidme la causa de ellas,
que ofendéis nuestra amistad ¹⁴.

Chegara a hora de João de Meneses desabafar. Criara-se na companhia da Imperatriz, quando ela era menina de poucos anos. Acontecera isto em casa do duque de Coimbra. A pouco e pouco, foram-se afeiçoando. Os anos, porém, ensinaram D.^a Leonor a não encontrar-se tantas vezes com ele nem a falar-lhe como antigamente. Contudo e apesar das diferenças, também nas suas veias corria sangue real! Desgraçadamente, eis que D.^a Leonor ia partir, elevada agora a imperatriz da Alemanha! E D. João explodiu: — Tenho vontade de me atirar ao mar. Conde, eu morro!

D. Fernando aconselhava-lhe discrição e paciência. Que procurasse outra luz mais acessível para o alumiar!

Outra vez música e tiros. Entra D. Beatriz no palco, ladeada por D. Pedro Pereira e D. Pedro Girón, «todos muy bizarros», e os dois fidalgos disputam precedências sobre o direito de acompanhar a bela rapariga. — Sou neto do vencedor de Aljubarrota!, exclamava o português. Mas o espanhol respondia-lhe em tom chocarreiro:

¹⁴ TIRSO DE MOLINA, *Doña Beatriz de Silva*, em «Nueva Biblioteca de Autores Españoles», t. 4 (Madrid, 1906) p. 490. A comédia abrange, neste volume, as páginas 489-517.

— Lá vamos nós ouvir a história da padeira de Aljubarrota. Eles não têm mais nada para contar! Dizei vós, senhora, quem desejais que vos acompanhe? — Fidalgos, nada a escolher entre amigos! Sinto-me feliz, acompanhada pelos dois. O heróico Pereira gaba-se de ir ao lado direito. Pedro Girón declara-se contente com o lado esquerdo. Sempre é o lado do coração (cá temos a ironia molinhesca!) e a discussão alonga-se um pouco mais, nesta subtil disputa de amor.

É então que aparecem D. João de Meneses e o conde de Arraiolos. D.^a Beatriz da Silva impressiona-se com a melancolia do irmão e a sua maneira de trajar. Até parecia mal, naquele ramalhete de alegria que era Lisboa em festa! João de Meneses responde à irmã: Visto como me sinto por dentro. Vista alegremente quem anda alegre. A Imperatriz não o convidara para o servir na Alemanha. Pois bem, mais valia morrer entre ausências do que no meio de desenganos.

Era de falas subtis, este soldado de Alfarrobeira. No palco, entram agora em cena D.^a Isabel e D.^a Leonor, ambas «muy bizarras» e bem acompanhadas. Despedem-se de Lisboa com belos cumprimentos e a rainha D.^a Isabel (que o vai ser de Castela) dirige lindas palavras a Beatriz. Gostaria tanto de a levar consigo! Por sua vez, D. João de Meneses declara à senhora-dos-seus-pensamentos: «No es la lengua suficiente / à explicar, cuando os partis, / lo mucho que el alma siente». — Pois bem, vinde comigo, para serdes meu gentil-homem! Criámo-nos juntos, disse nunca me esquecerei. Embarcai no meu navio.

A imperatriz Leonor e a rainha D.^a Isabel amam-se bastante e choram juntas. — Ai prima, ai rainha, ai amiga!, exclamava a Imperatriz. Vós ides para Espanha. Eu, porém, vou para mais longe e tenho de chorar mais lágrimas! Adeus, rainha de Castela!

Sozinho, no palco, D. João de Meneses deseja boa viagem à Imperatriz e resolve ir com ela: — Vai-te em boa hora, linda fénix portuguesa, pátria do amor, real vergel! Vai-te em boa hora, alívio dos meus cuidados, «cifra de todo mi bien», honra do nosso tempo, Leonor! Andava eu desesperado, mas tu, piedosamente, cortaste a corda que me cercava a garganta. Gostas que eu vá contigo? Pois irei. O meu amor ser-te-á fiel. E no meu coração não entrará outra imagem.

Mudam-se os affectos, mudam-se os trajes. E o conde de Arraiolos espanta-se, com razão: — Ir para a Alemanha com a

Imperatriz, sim senhor... E levais esperanças? — Muitas, embora não saiba em que elas se fundam. — A voar, nunca alcançareis uma águia imperial! — Amar é fogo. Ou levo esta empresa a cabo, ou morrerei. Adeus, cidade de Ulisses!

O pagem Melgar, com muito de bobo e bastante de Sancho Pança, ri-se das despedidas e grita:

Adiós, seboso Babel,
Castillo, Plaza, Rua Nova,
Palacio, San Gian, Belén,
Cruz de Cataquifarás;
á Dios, Chafarí do Rei,
bayeta, boas botas, luas,
blancos y negros también;
que voy á beber cerveza
por no olvidar el beber¹⁵.

Ecoam vivas à Alemanha, a Portugal e a Castela. Tiram a prancha e, desta vez, sim, adeus Lisboa!

A partir da décima cena, os diálogos e factos desenrolam-se já em Espanha. Assistimos às conhecidas intrigas do paço, contra D. Álvaro de Luna. Que direito tinha ele para resolver o casamento do rei, quase sem o consultar? Vão as cerimónias celebrar-se em Badajoz e D. João II de Castela pergunta: — D.^a Isabel será mulher bonita?

É então que principia a desgraça. D. Pedro Girón troca os retratos por engano e dá-lhe o de D.^a Beatriz da Silva, em vez do outro, de D.^a Isabel. Fascinado, o rei perde a cabeça por aquela mulher bonita acima de todas. Para mais, a situação agrava-se ao encontrar-se com as duas portuguesas, à beira do rio. Pensa que a rainha é D.^a Beatriz e chama Alteza à irmã de D. João de Meneses. Que a beleza do retrato era só uma sombra do original!, diz-lhe ele. Porém, ao dar pelo erro, diz à rainha, com galantaria: — É que fiquei deslumbrado! Porém, se tão belas são as damas, «qué tal la Reina será»? — Não se aflija el-rei, responde Isabel. Há enganos assim. Aliás, eu e Beatriz «somos una misma cosa»¹⁶.

Bonita resposta, sim senhor. Mas, no coração daquele rei, ia ficar D.^a Beatriz. Deus saberia até quando!

¹⁵ *Ib.*, p. 495.

¹⁶ *Ib.*, p. 498.

A segunda jornada desenrola-se em Tordesilhas. Beatriz da Silva fala com Inês e gaba as festas, os jogos de «canas» e a valentia dos toiros. Desde já, vemos tão satisfeita a irmã de D. João de Meneses que a julgamos talvez enamorada. — Não estou, responde ela. Agrada-me tudo isto «y no me enamora nada».

Ainda assim, deu graciosamente uma luva a D. Pedro Girón, outra a D. Diogo Sarmiento e engraça com o galhardo Luís de Velasco.

Porém, um dito seu manifesta a sua inexperiente ingenuidade: — Nestas chamas, Inês, me aqueço, sem me queimar.

A todos favorecia, a todos queria agradar, mas sem pisar o risco. Ela não dava o coração fosse a quem fosse. Tratava-se dum jogo escorregadio. Porém, divertia-se naquele campo incerto e perigoso, de entre menina e mulher. Arteiramente, Inês pede-lhe que ao menos lhe deixe um dos seus galanteadores, D. Pedro Girón. Que paixão ela tinha por ele!

Tirso de Molina revela-se, aqui, duma perspicácia enorme. Com efeito, põe nos lábios de Beatriz a confissão de gostar de tirar os namorados às outras. Qualquer rapariga começava a gostar de alguém e logo lhe vinha o desejo de lho roubar!

— É o feitio das mulheres!, comenta Inês, com uma doçura perigosa. E avisa: — Nós, as que em nobreza nascemos, temos de resistir aos desejos loucos!

Graciosamente, Beatriz cedeu-lhe D. Pedro Girón. Nunca mais lhe concederia favores, estivesse certa! Porém, logo surge o herói e Inês esconde-se para ouvir a conversa entre Beatriz e D. Pedro Girón. Sempre queria ver se a outra cumpria a promessa ou não. Miséria das misérias! A princípio, Beatriz ainda faz por resistir. Mas depois, deixa-se levar no grande rio dos seus sentimentos e acaba por oferecer a D. Pedro Girón nada menos do que um palito (*mondadientes*) como recordação: «y os le doy porque saquéis / reliquias de la memoria»¹⁷.

Estamos outra vez em pleno cómico molinesco, sobretudo quando escutamos as exclamações tolas do brioso fidalgo: — Ó rico prémio, capaz de fazer perder a cabeça a quem o recebe! E tirastes vós, Beatriz, este palito da boca para nele se apoiar a minha esperança!

¹⁷ *Ib.*, p. 500.

O homem parece parvo, mas o amor é assim. Entretanto D.^a Inês concluía não ser de muita confiança quem prometia uma coisa e fazia outra. A formosura é arrogante, exige que todos a adorem, pensava ela. Aquilo não era amor, era arrogância de mulher bonita. Que Beatriz esperasse pela volta!

A desforra chegaria breve. De facto, o rei procurou-a para lhe falar. Todo embalado no seu amor por Beatriz, D. João de Castela transforma Inês em medianeira da sua paixão. Que entregasse uma carta a D.^a Beatriz e lhe dissesse que ele a amava!

Ah!, ali estava a porta aberta à sua vingança! D.^a Beatriz não cumpria a palavra? Também ela não faria caso da amizade que até ali as juntara. Mostraria a carta à rainha!

Chegamos a pensar que a rainha D.^a Isabel teve razão em zangar-se com Beatriz, embora a não tivesse para tentar matá-la. Na verdade, Tirso de Molina mostra-nos a corte de Tordesilhas como um remoinho de intrigas e paixões, em torno da bela portuguesa. O grande Pereira das glórias de Aljubarrota discute com Sarmiento questões de primazia amorosa. Pedro Girón e Luís de Velasco, ambos pedem à rainha que os favoreça junto de D.^a Beatriz. E em vão responde D.^a Isabel que Beatriz da Silva é só uma e quatro os pretendentes. Não permitirá que se alvorote a corte por causa duma mulher, ainda por cima da sua família! Que cada um mostre à rainha o «favor» concedido por Beatriz — e ela veria depois qual era o maior. São eles duas luvas, uma «flor de la cabeza» de D.^a Beatriz e o famoso e galante palito entregue a D. Pedro Girón, cujo valor simbólico este defende a golpes de poesia cómica. E todos fazem pressão versificada sobre a rainha. Diogo Sarmiento é o mais esperto: — Que o rei e a rainha intercedam por ele!

D.^a Isabel só deseja que Beatriz case depressa e que o rei a ame a ela, sua mulher. Por agora, só tinha o corpo do rei. Não a alma! Afinal, trouxera consigo, de Portugal, quem havia de a atormentar. Impossível continuar assim.

Antes de o rei partir para a guerra de Granada, ir-lhe-ia propor o casamento de Beatriz. Quantos «grandes» de Espanha gostariam de casar com essa portuguesa!

O rei, porém, desfaz em todos os pretendentes, uns por isto, outros por aquilo. E quando a rainha insiste em favor do último pretendente, ainda novo, D. João II ordena-lhe que o não aborreça,

que é cedo para casar esse Diogo Sarmiento, um rapaz, no fim de contas.

No fundo, D. João II queria Beatriz solteira. Neste ponto, a rainha não se enganava e foi desabafar com Inês. É então que esta lhe entrega a perigosa carta, numa hora traiçoeira e feminina. A catástrofe adensa-se e desaba. D.^a Isabel ordena a D.^a Beatriz que, ao anoitecer, saia para Portugal: «no sabes lo que es negar»¹⁸. Mostra-lhe as luvas, a flor e o amaldiçoado palito. E Beatriz só consegue responder que não passavam de brincadeiras cortesãs. — Mas tu deste presentes a quatro! Ora bem, se tu fazes de quatro senhoras, serás *Silva de varia lección*.

Era esta uma obra famosa, mas posterior aos factos aqui narrados. Impressa em Sevilha, no ano de 1542, escreveu-a Pedro de Mejía († 1552). Mais uma vez, perdoamos a Tirso de Molina os seus anacronismos, porque a comparação era graciosa e vinha a propósito. Na verdade, também aquela obra falava de tudo (e a todos) e agradava a toda a gente. E o nome começava por *Silva*.

D.^a Beatriz atraía a todos, gostava de ser cortejada, mas não amava ninguém. Namoriscava perigosamente, embora sem más intenções. Isso não impede a rainha de perder a cabeça, levada sobretudo pelo ciúme. Chama-lhe mulher vilã e Beatriz, por sua vez, ergue a cabeça e responde-lhe, altivamente, que gostaria talvez de ter casado com o rei.

Tinha ido longe demais. É então que D.^a Isabel resolve metê-la num armário para a matar à fome e de asfixia: «encerrada y presa así / donde sin respiración / ni sustento, muerta quedes»¹⁹.

Toda esta parte da lenda nos parece absurda, nem era possível fazer desaparecer uma rapariga por quem o rei andava apaixonado. O rei e alguns fidalgos. Aliás, bastar-lhe-ia gritar. Contudo, Tirso de Molina torna aceitável este passo da comédia: Cheia de carácter e amiga da rainha, D.^a Beatriz antes quer morrer do que ficarem a saber, na corte, a crueldade do coração da rainha! E sentimos desenhar-se, diante de nós e pela primeira vez, uma mulher pouco vulgar e de alma grande.

¹⁸ *Ib.*, p. 504.

¹⁹ *Ib.*, p. 505.

Inês fecha o armário, a rainha leva as chaves e exclama: — Hei-de vê-la morta sem comer nem beber. Que coma angústia e beba lágrimas.

Bonita frase! Não sei porquê, mas tem o sabor de certas expressões de *El Burlador de Sevilla*.

Com estas palavras nos ouvidos, passamos a Roma, a fim de aí nos encontrarmos com a Imperatriz e o apaixonado gentil-homem D. João de Meneses, irmão de Beatriz da Silva. D.^a Leonor conversa com o futuro Beato Amadeu e mostra andar encantada com Frederico III. Chama-lhe até Narciso germânico e alegra-se por receberem ambos a coroa de ferro, naquele dia, ali em Roma. Orgulhosa e cheia de amor estava a Imperatriz. Pelo contrário, D. João de Meneses andava triste. Triste e falho de bom senso, ao explicar a D.^a Leonor que embarcara por amor e fora loucura «esperar / firmeza em reinos de espuma». Erguera castelos no ar e verificava agora com quanta alegria a sua amada dava a beleza a outro amo! Enganara-se, pois facilmente acredita quem ama.

A Imperatriz responde-lhe, com toda a razão: — Querer bem, nem sempre é amor. Pode ser amizade e nada mais. Que ele seja compreensivo!

Para falar com franqueza, D. João de Meneses faz aqui má figura. Não sabia ele que D.^a Leonor casara por procuração, em Lisboa, com Frederico III, do Sacro Império Romano? Ou esperava ele dar meia volta ao leme da História, com simples recordações duma infância já perdida? Por isso, D.^a Leonor zanga-se, embora com certa doçura. Que ao menos tivesse cautela!

No palco deserto, ouvimos agora D. João de Meneses falar sozinho: Tarde chegara o desengano. Contudo, não haveria certa contradição entre as palavras da Imperatriz e o seu olhar? Fora tão boa para ele! Pois bem, não largaria os seus altivos pensamentos. Não há amor sem atrevimento, nem mulher capaz de resistir muito!

Entretanto, o bom Melgar vagueava pela Cidade Eterna e dizia chalaças: «Roma, ó chata, hermosa sales, / mas débeste de afeitar, / porque no te vean andar / tan llena de cardenales». Refere-se ao papa Nicolau V, chama «tomates ó pimientos» aos cordeais²⁰, aponta-nos para as ruas floridas e encontra-se, enfim,

²⁰ *Ib.*, pp. 506-507.

com D. João de Meneses, seu amo, e o grande cortejo. Música, a Imperatriz tropeça e, «al darle la mano, Don Juan se la aprieta y quiere besársela, y ella le da un bofetón»²¹. Dá-lhe uma bofetada e chama-lhe atrevido. De facto, não havia razão para galantarias daquelas. Uma mulher casada é uma mulher casada. E imperatriz, ainda por cima! Chegava a ser de mau gosto. E também aqui, julgamos que Tirso de Molina carrega as cores, para justificar a viragem de D. João de Meneses. Uma imperatriz não dá assim uma bofetada, com tanta facilidade!

Melgar comenta o caso, no seu estilo chocarreiro: — Uma bofetada assim é como um raio sem trovão. Cinco dedos marcados na cara! Nada menos!

D. João de Meneses emerge da sua estupidez amorosa e compreende por fim. Ela não o amava. Fora deste modo que lhe pagara tanta dedicação! Uma bofetada na cara. Que loucos sonhos os seus! Agora, ficava bem desenganado. Adeus, corte, para nunca mais!

Sai do palco e Melgar acaba a segunda jornada, afirmando que ia voltar para Castela. A imperatriz D.^a Leonor devia ser mas é mestra de capela, por tão bem marcar o compasso a bofetões. Não, ele nunca vestiria o hábito de ermita, como fizera o amo!

A terceira jornada começa pela aparição da Virgem Imaculada a Beatriz, aparição esta sob forma de menina, primeiro encoberta e a chamar a donzela portuguesa pelo seu nome. Depois, abrem-se as portas «y sale doña Beatriz y sobre ellas, en una nube, se aparece una niña con los rayos, corona y hábito con que pintan á la Imagen de la Concepción».

Maravilhada, Beatriz chama-lhe formosa, alba do dia e outros nomes bonitos. E acaba por saber quem é aquela «regalada niña»: Nossa Senhora da Imaculada Conceição! É ela a rainha do Céu e o seu filho é o Imperador. E a *menina* aconselha-a: — Se eu sou a rainha que tu dizes, vale mais ser minha dama do que dama da rainha de Castela!

Se valia! Nada de corte, nem dos seus perigos! A *menina* do Céu revela-lhe, a seguir, que também o desiludido D. João de Meneses se consagrara a Deus:

²¹ *Ib.*, p. 507.

NIÑA

Así tu hermano lo hizo;
ya cortesano de Dios
gentil hombre es de mi casa,
no de la augusta Leonor;
que le despertó del vicio
la afrenta de un bofetón.
Ya no se llama don Juan:
su nombre es Fray Amador;
confirmóle el desengaño;
la vida y nombre mudó²².

Para maior evidência, pois a Itália estava longe, aparece-lhe então Frei Amadeu ou D. João de Meneses, vestido de ermita e levado pela mão de S. Jerónimo. Penduradas numa árvore, ficavam abandonadas a espada, a adaga e o vistoso chapéu emplumado do antigo fidalgo.

O Beato Amadeu passaria, depois, da contemplação dos ermitas de S. Jerónimo ao serviço activo da Ordem de S. Francisco. Queria D.^a Beatriz seguir os passos do irmão? Que sim. Faria tudo o que agradasse à «regalada niña».

Alegremente, Beatriz recolhe-se outra vez à sua «prisión», fecham-se as portas e espera o cumprimento da promessa de Nossa Senhora: Dentro de três dias estaria livre!

Aliás, nem outra coisa era de esperar. No palácio, Álvaro de Luna quer saber onde pára D.^a Beatriz e discute asperamente com a rainha. Para maior desgraça, chega o rei mais os quatro grandes apaixonados da moça portuguesa. Esta podia estar bem descansada, porque andava toda a gente em polvorosa por causa dela. Contra ela, ergueu-se, contudo, o ódio ciumento da rainha. Esta declara ter herdado o feitio cruel dos portugueses (*el ser cruel / de mi nación*) e que resolvera matar a bela feiticeira D.^a Beatriz. Àquela hora, já devia estar bem defunta!

Mas graças a Deus, foi tudo pelo melhor. Abriu-se o *armário*, D.^a Beatriz estava como se nada fosse e até procurou desculpar a rainha. Por sua vez, D. João II de Castela resolve-se, enfim, a casar D.^a Beatriz, talvez por nada ter a esperar dela. Ia recommençar a guerra contra os mouros. Quem mais cabeças cortasse, esse

²² *Ib.*, p. 509.

levaria a mão da bela portuguesa! E isto sem a consultar — juntamos nós, um pouco espantados.

Saem todos por uma porta e D.^a Beatriz vê entrar Melgar pela outra. Ali estava o pagem meio bobo que abandonara D. João de Meneses e voltara para Espanha! Conta o caso da bofetada, diz que D. João de Meneses era agora ermita de S. Jerónimo, mas ele, Melgar, é que nunca o seria. Se não sentia, logo de manhã, uma boa golada de vinho na boca e um bom naco de pão no estômago, começava a doer-lhe a cabeça. Por isso, viera para junto de D.^a Beatriz, já que o irmão trocara uma vida por outra. Quando a jovem portuguesa observa ao pagem que não ia bem o mundo para gente honrada e que tencionava imitar o irmão, Melgar responde com seriedade sancho-pancesca: — Com que então, tencionas fazer-se ermita? Nesse caso, vamos para os montes. Por mim, serei taberneiro e abrirei uma venda na Serra Morena! — Não, Melgar, para isso não preciso de ti, desengana-o ela. Viste como a Imperatriz pagou ao meu irmão? Olha que a rainha também me pagou mal. Num mosteiro de Toledo, irei servir um amo que me pagará melhor. Se fores na minha companhia, ambos em trajes de camponeses, podemos fugir ao anoitecer.

Como se vê, D.^a Beatriz continuava a ter receio dos ciúmes de D.^a Isabel de Castela. Ainda assim, não compreendemos bem esta fuga. Porque não se foi embora com licença do rei? Ao menos, poderia tentar. Porém, à maneira dos biógrafos da gente profana, também os hagiógrafos gostavam de intrigas e fugas romanescas. E os comediógrafos ainda mais. O certo é que, em Tirso de Molina, ao contrário da comédia atribuída a Lope de Vega, fogem ambos disfarçados de gente do campo. No coração, a bela senhora sentia-se grata a Melgar e pensava até servir-se do maroto para a sua fundação religiosa, em honra da Senhora da Conceição.

Na corte, ninguém sabia para onde fora D.^a Beatriz. Por fim, apareceu um bilhete da fugitiva, a comunicar que ia encerrar-se em S. Domingos de Toledo. E quando o rei declara amavelmente que vai acompanhar Beatriz até à grande cidade e daí seguiria para a guerra, a ciumenta rainha descobre ainda, nesta atitude, a última galantaria del-rei D. João de Castela. Este, contudo, replica lucidamente e com graça cortesã: «Beatriz, mujer tan hermosa / solo la merece Dios»²³. Gostaríamos de saber o que disto pensava a

²³ *Ib.*, p. 514.

rainha D.^a Isabel. Temos, porém, de assistir à aparição de S. Francisco de Assis e Sto. António, de que falámos atrás. Num dos panos de azulejos da igreja de Sto. António do Estoril, vemos ainda este «milagre» cheio de lirismo. Ao longe, Toledo. Ao pé, dois franciscanos de sandálias e Santa Beatriz da Silva. Esta vai em cima dum cavalinho bem arreado e sem ninguém a acompanhá-la, como se entre Tordesilhas e Toledo não mediassem perto de duzentos quilómetros de caminhos difíceis.

Já se vê que, em Tirso de Molina, Melgar acompanha a Santa e continua a falar como Sancho Pança. Ao cuidar que a gente do rei vinha prendê-los para os matar, declara cinicamente que é um covarde (*soy una galina...*) e escapa-se, deixando Santa Beatriz sozinha, no caminho de Toledo. Jurara acompanhá-la, mas não para o outro mundo, onde não havia sequer uma taberneca para molhar a boca. — Bem, Toledo acha-se quase ali à vista. Vou dar de comer à burra e partir, diz ele. E adeus, que estou com pressa!

Contudo, nada havia a temer, bem vistas as coisas. Sto. António vai falando e profetiza a D.^a Beatriz que dela nasceriam muitas filhas espirituais. Virgem e mãe! E estas suas freiras vestir-se-iam como a Imaculada Conceição, de túnica branca e manto azul. Os reis Fernando e Isabel, «luz de Aragón y Castilla», haveriam de ajudá-la em tudo.

Música. O papa Sisto IV († 1484) aparece a um lado do palco, sentado numa cadeira carmesim. Ao leme da Igreja, ele «orden te dará en que vivas», instava Sto. António junto de Beatriz da Silva. Daqui a duzentos anos, tornarão a atacar o grande mistério da Imaculada Conceição. Inutilmente. Esta devoção, agora pequena (*ahora niña...*) crescerá por toda a Espanha. Em prosa e em verso, na corte do rei e nas cátedras universitárias, nos púlpitos e nas festas, afirmar-se-á que Nossa Senhora «fué el Alba concebida / sin pecado original».

Tirso de Molina nem sempre é seguro nas datas das suas comédias. Para ele, o essencial é o efeito dramático. Daqui a duzentos anos, como afirmava o Santo, parece-nos demais, se tomarmos a sério a partida de D. Beatriz para Espanha, em 1447. A nova batalha em torno da Imaculada Conceição, em Espanha, se de batalha podemos falar, travou-se bastante mais cedo. E foi em 1617 que Paulo V proibiu que alguém ensinasse, publicamente, ser a Virgem Maria concebida em pecado original.

Por outro lado, é bom acentuar que a devoção à Imaculada Conceição, nos meados do séc. xv, estava longe de ser pequena, pois encontramos o seu ofício em Livros de Horas e el-rei D. Duarte já antes a defendia no *Leal Conselheiro*.

Na comédia de Tirso de Molina, via-se também Paulo V no palco, a um lado. Rompia a música — e Sto. António continuava a falar. Sevilha e Toledo haviam de se avantajarem a todas as cidades espanholas, na devoção à Imaculada. Dum lado e doutro, perfilam-se as figuras alegóricas das duas cidades, com os respectivos brasões. Outra vez música. À direita, mais abaixo, o santo rei D. Jaime, com a capa de Nossa Senhora das Mercês. Ele dedicara a Ordem das Mercês à Imaculada Conceição. Nunca presa nas malhas do pecado original, Nossa Senhora tinha de ser a padroeira da redenção dos cativos, a que os mercedários se dedicavam. E também ali figuravam, à maneira de apoteose, el-rei D. João I de Castela e sobretudo o franciscano D. João de Meneses, irmão de Santa Beatriz da Silva: «En lo alto de todo, entre unas peñas, estará don Juan de Meneses de Fraile Francisco, con una pluma en la mano, contemplando arriba en una imagen de la Concepción, y un libro abierto y blanco en la otra, en que parece que escribe, y una águila que con el pico le tiene el tintero»²⁴. Escreverá ele, na verdade, «un segundo Apocalipsis, / cuyas sacras profecías, / siendo freno a pecadores, / den á España maravillas»²⁵. De todas as ordens religiosas, só uma delas negaria ainda ser a Virgem Maria concebida sem pecado original. Até aqui, o que Sto. António anuncia à moça portuguesa, acerca do futuro.

Música, Santa Beatriz fica sozinha — e acaba por dar um viva à Imaculada Conceição. Mas que será feito de Melgar, o *galinha* que abandonara a sua bela senhora e fugira? Pois bem, aqui o temos outra vez, todo satisfeito, a anunciar à sua senhora que o rei e a rainha estavam a chegar. Melgar principiara por negar aos homens do rei quem ele era. Porém, até a burra o desmentiu, porque se pôs logo a zurrar, explica ele.

Como nos romances de Dickens, acaba tudo às mil maravilhas. Até a rainha declarou que D.^a Beatriz ficava muito bonita assim vestida de camponesa. E lá seguem todos para Toledo, com Santa Beatriz no coche da rainha.

²⁴ *Ib.*, p. 516.

²⁵ *Ib.*, p. 516.

Melgar, sempre o mesmo, traça as linhas do futuro: Far-me-ei tecelão em Toledo, verei todos os dias «la nuestra doña novicia» e tecerei seda no tear e mentiras no convento.

Quanto ao apaixonado Pedro Girón, promete ao «senado ilustre» uma segunda parte desta história *peregrina*. Quer dizer, outra comédia, desta vez sobre o que depois se passou com a bela portuguesa e a sua Ordem.

Desta segunda comédia, ninguém sabe coisa nenhuma e parece que Tirso de Molina não chegou a escrevê-la. Demos, pois, a síntese da comédia *Doña Beatriz de Silva* ou *Favorecer a todos y amar a ninguno*. Era de facto o que ela fazia (ou se diz que fazia) na corte de Tordesilhas, se alguma vez lá esteve: Dava atenção a todos e não amava ninguém. A este propósito, Menéndez Pelayo escreve o seguinte, ao anotar *El Milagro por los Celos y Don Álvaro de Luna*, com tema dramático igual ao da comédia de Tirso de Molina: «Lo que de histórico contiene esta obra es muy poco. Quizá estaría mejor entre las comedias devotas. La protagonista, D.^a Beatriz de Silva, fué una dama portuguesa á quien D.^a Isabel la Católica cedió en 1484 una pequeña parte de los llamados en Toledo *palacios de Galiana*, para fundar el monasterio Cisterciense de la Concepción, que pasó (depués de la muerte de la fundadora, en 1492) á ser convento de religiosas franciscanas. Con esta fundación se enlaza la piadosa leyenda que recogieron poetas dramáticos del siglo XVII, trasladando anacronicamente á D. Beatriz á la corte de D. Juan II y haciendola triunfar milagrosamente de la pasión amorosa del Rey y de los celos de la Reina, su segunda mujer, doña Isabel de Portugal. Ni la historia acusa de tal género de devaneos al flaco y pusilánime Monarca, de quien dijo Fernán Pérez de Guzmán que, *si bien, en opinión de algunos, era de su natural condición cobdicioso é lujurioso é aun vindicativo, no le bastaba el ánimo para la execución de ello*»²⁶.

2. A comédia atribuída a Lope de Vega

Em 1770, Carlos Sopera imprimiu, em Barcelona, *El Milagro por los Zelos y D. Álvaro de Luna, de Lope de Vega Carpio*. Anos

²⁶ LOPE DE VEGA, *Obras*, pela Real Academia Espanhola, t. 10 (Madrid, 1899) p. XCVIII.

atrás, em 1733, aparecera já outra edição em Madrid, por António Sanz. E não falamos doutra edição sem lugar nem ano²⁷.

Esta comédia será de Lope de Vega? Menéndez Pelayo afirma que sim, mas acrescenta que deve tratar-se duma refundição: «Esta comedia no se halla más que en ediciones sueltas, y tiene todas las trazas de estar refundida, porque el estilo, en muchas partes, no es el de Lope, sino más bien el de cualquier poeta de gusto calderoniano. La creemos auténtica, sin embargo, aunque muy mediana y muy estropeada»²⁸.

Embora somente impressa no séc. XVIII, corria antes em manuscritos mais ou menos perfeitos. Um deles, o ms. 15435 da Bibl. Nac. de Madrid, data do séc. XVII e traz o nome dos actores: «*Rey*, Autor; *D. Álvaro*, Alonso; *D. Juan de Silva*, Bernardino; *Silveira*, Tomás; *Reyna*, Sr.^a Micaela; *D.^a Beatriz*, Sr.^a Isabel; *Leonora*, Sr.^a Dorotea; *Gentilhombre*, Ortegón»²⁹. E D. Emílio Cotarelo y Mori continua, na sua introdução ao segundo tomo das comédias de Tirso de Molina: «Este Ortegón, llamado Pedro, murió en 1636 y estuvo casado con Micaela López, que fué la que en el reparto hizo la *Reina*. Isabel será Isabel *la Velera*; Dorotea tenía el apellido de Sierra; Alonso será el de Olmedo, etc. Debe ser, pues, anterior à 1636 esta copia, lo que le aproxima más á Lope de Vega, pues en esa época apenas habían empezado las refundiciones».

Refundição ou atribuição indevida, para melhor correr no mercado? Lembremo-nos de que, em 1603, já saíra impressa em Lisboa a colectânea *Seis Comedias de Lope de Vega y otros Autores*³⁰. Pois bem, Lope de Vega negou estar ali qualquer obra sua e até disse que tal volume fora talvez estampado em Castela e não em Lisboa, apesar de trazer o nome do impressor, Pedro Crasbeeck. Ora bem, será por acaso *El Milagro por los Celos* uma falsificação do mesmo género? Impossível responder. Mas no caso afirmativo, o falsificador imitou bem o estilo de Lope de Vega, nalgumas páginas mais felizes.

D. João da Silva, conde de Cifuentes, passa por tio de D.^a Beatriz, nesta comédia inferior à de Tirso de Molina. Há um

²⁷ PALAU, *Manual del Libroero*, t. 25 (Barcelona, 1973) p. 492.

²⁸ LOPE DE VEGA, *Obras*, ed. cit., t. 10 (Madrid, 1899) p. XCVIII.

²⁹ TIRSO DE MOLINA, *Comedias*, no prólogo do t. 2, por D. Emílio Cotarelo y Mori, «Nueva Biblioteca de Autores Españoles», t. 9 (Madrid, 1907) p. XVIII.

³⁰ *Ib.*, pp. XIII e XLIV.

lacio de nome Silveira que, uma vez por outra, teima em falar meio castelhano e meio português. A festiva Leonor (não a imperatriz!) nem de longe a vemos em Tirso de Molina. Não há troca de retratos e, quando o rei se apaixona por Beatriz, encarrega D. Álvaro de Luna (e não Inês) de lha pôr à sua disposição. Com delicadeza e sem forçar as coisas, evidentemente. Por sua vez, o Condestável enrabicha-se com Leonor e esta defende-se bem dos atrevimentos daquele homem todo-poderoso.

Com base histórica e em identidade com Tirso de Molina, assistimos às intrigas da corte, como um nó de víboras enroscadas em torno de D. Álvaro de Luna, para ele cair. D. Álvaro de Luna maça-nos com tiradas cortesãs, o rei não passa de estatura vulgar e o tal D. João da Silva, conde de Cifuentes, está longe de ser o Beato Amadeu e não desempenha, na comédia, qualquer papel que nos lembre D. João de Meneses. Porém, gosta da pseudo-sobrinha e inventa novas linhagens, chegando a afirmar que o apelido Silva é «de Silvio Eneas procedido».

D.^a Beatriz, por seu lado, faz que não entende os galanteios do fraco rei e revela finura cortesã. Porém, o que mais nos agrada é o *português* de Silveira:

E no olhando, meu señor,
Todas se morren de amor,
Porque soy muito galante.

Sirvo a la mellor bonina,
Que colo erguido em jardim,
Y a lo castellano: en fin,
A la mellor clavellina...³¹.

Longos são os devaneios do rei e as frases inchadas que ele dirige a D.^a Beatriz: Que era demasiado tarde para lhe aceitar os conselhos ajuizados!, exclama ele. D.^a Beatriz, essa trata-o por tu e nisto revela-se bem mulher: — «Pues, qué pretendes?»³².

O que ele pretendia estava ela farta de o saber. Felizmente, aparece a rainha. Quanto a D.^a Beatriz, responde com altivez às propostas alcoviteiras de D. Álvaro de Luna.

³¹ LOPE DE VEGA, *Obras*, pela Real Academia Espanhola, t. 10 (Madrid, 1899) p. 193.

³² *Ib.*, p. 197.

Até aqui, a primeira jornada. Na segunda e como por distração, o esperto Silveira fala, em espanhol regular, com o *tio* de Beatriz. Que a ocasião não era para rir. Que corriam ditos na corte, a respeito da sobrinha e do rei. Que seria bom levá-la para longe, etc..

Silveira estimava bastante a sua ama e parecia sincero. No entanto, há nas suas frases honra calderoniana a mais, embora tivesse razão no essencial: D.^a Beatriz devia sair daquele vespeiro. O rei e D. Álvaro de Luna atiravam piropos conceituosos à beleza de D.^a Beatriz, com dolorosa raiva da rainha D.^a Isabel. E quando, D. João II declara à rainha que sofre só de pensar na sua morte, responde-lhe ela, com ironia certa, que logo acharia quem o consolasse: «Quando venga á suceder, / Os consolará Beatriz»³³. Não era pateta, aquele rei. Mas às vezes parecia-o.

Enfim, cá temos a carta para justificar a ida urgente, para longe, dessa portuguesa que punha negros os corações da corte. Tanta beleza e tanta resistência faziam sofrer, sobretudo o rei.

Silveira, esse recorda a padeira de Aljubarrota³⁴, já citada em Tirso de Molina. Sozinhas no palco, D.^a Beatriz desabafa com Leonor e maldiz-se por ser bonita. Quantos enredos e falatórios por causa dela! O que nos dá vontade de rir é a descompostura da rainha a D.^a Beatriz — e esta, sem abrir o bico, a escrever uma carta! Por fim, estala a discussão e eis-nos perante o drama da vítima, encerrada pessoalmente pela rainha num «apartamento» escuro, após um longo sermão em que D.^a Isabel põe a alma a nu.

Entra agora em cena o rei apaixonado, em busca da sua amada. A rainha apaga a luz e esconde-se, comentando para si (e para o público) as inépcias amorosas do marido.

Este acaba por se assustar, grita que está às escuras e a rainha escapa-se a tempo. Como cena cómica, não está mal. Beatriz desaparecera e o rei trovejava que ia o mundo abaixo, se não a pusessem ali!

Entramos, finalmente, na terceira jornada. Há três dias que o bom do Silveira anda em busca de D.^a Beatriz e recorda ironica-

³³ *Ib.*, p. 200.

³⁴ *Ibidem.*

mente ao conde de Cifuentes a fábula do cão, a atravessar o rio com um pedaço de carne na boca:

Un perro una vez pasaba
Otro río como el Duero,
Y un pedazo de carnero
Entre los dientes llevaba.

La sombra, que no era poca,
Dentro de las aguas vió;
Y por cogerla soltó
Lo que llevaba en la boca.

Fué á asirla, y su desvarío
El perro al instante vió;
Volvió á su carne, y halló
Que se la llevó el tal río.

Dejasteis á mi señora
Sobre el agua, como el perro,
Viós venir, y vuestro yerro
Entre mí decía ahora:

No busquéis al dueño mío,
Señor Conde de Cifuentes;
Dejáronla vuestros dientes,
Ya se la ha llevado el río³⁵.

Na verdade, D. João da Silva não prestara suficiente atenção à *sobrinha*, largara-a da mão e o rio dos acontecimentos tinha-a levado para longe.

A uma janela, duas mulheres cantam uma endecha pela desaparecida: «Corriente cristal de Duero, / Que pasas por Tordesillas, / Espejo fuisteis luciente / De doña Beatriz de Silva». Quem era que assim cantava?, perguntou o rei. Eram Sílvia e Leonor que, por amor de Beatriz, atiravam endechas ao vento! Depois, as duas raparigas começam a cantar a desgraça «da pobre e mesquinha / que depois de morta foi rainha»:

Con mil mortales heridas,
Rosas de un cándido pecho,
Yace doña Inés de Castro
En los campos de Mondego³⁶

³⁵ *Ib.*, pp. 206-207.

³⁶ *Ib.*, p. 207.

Seria qualquer romanza do tempo? D. Álvaro de Luna, esse aproveitava a ocasião para dizer mal da rainha, «Cruel como portuguesa, / Como mujer vengativa»³⁷. Repete-se, aqui, um pensamento de Tirso de Molina. Cruel? Sê-lo-ia para D. Álvaro de Luna e acabaria por o levar ao cadafalso. Ainda assim, tinha as suas razões. Cruel para Beatriz? Disso nada sabemos.

Porém, como é possível falar tanto, nesta comédia, sabendo que há uma boa rapariga talvez morta?

Forte e de estilo enxuto é o diálogo entre a rainha e D. Álvaro de Luna. E sentimos a Morte, a aproximar-se deste homem que mandava mais do que o rei. Felizmente, D. João da Silva mostra ao rei a carta do conde de Portalegre, a dizer que estava muito só e que deixassem sair D. Beatriz de Tordesilhas.

Embora, no elenco inicial da peça, venha D. João como tio de Beatriz, o certo é que ele aqui pergunta ao rei: «Dónde está mi prima?»³⁸. Ninguém sabia onde ela parava. Que perguntasse à rainha!

O palco esvazia-se num instante e cá temos D.^a Beatriz sozinha. Ouvindo-a em longo, longo monólogo, ficamos a saber até as orações que ela dirigia a Nossa Senhora, metida na cela estreita: Ó luz divina, estrela refulgente, que eu cante os louvores da tua Conceição puríssima, como já fiz tantas vezes! Ó templo, ó barca onde veio a vida contra a morte, nenhum pecado te manchou! Pura nasceste, sem pecado original. Ó Virgem Maria, se eu daqui sair, toda me dedicarei à vossa Conceição Imaculada e a defenderei sempre.

Aparécese Nuestra Señora de la Concepción en una tramoya. Ordena-lhe que vá para Toledo, onde fundará um convento de freiras vestidas com túnica branca e manto azul. El-rei D. Fernando e Isabel a Católica ajudá-la-iam muito.

Assim falava Nossa Senhora. Quando D. Álvaro de Luna, a rainha e D. João da Silva abrem a cela estreita, Beatriz continua em êxtase: «el rostro hermoso / Con rayos refulgentes»³⁹. Continua a dirigir-se à Virgem Maria: Ó Senhora da Conceição, concebida sem pecado original, eu te louvarei com alegres cânticos, a ti que me apareceste neste cárcere. E que o teu divino Filho perdoe à rainha!

³⁷ *Ib.*, p. 209.

³⁸ *Ib.*, p. 209.

³⁹ *Ib.*, p. 211.

Milagre! Milagre! Lágrimas da rainha arrependida, aproxima-se o rei, vem mais gente do palácio e Santa Beatriz conta-lhes a promessa feita a Nossa Senhora: Ela seria freira da Imaculada Conceição, em Toledo, arquivo «de las góticas letras castellanas». E acaba tudo em alegre reconciliação. O rei confessa que procedeu mal e a rainha volta a ser amiga de Beatriz, como dantes.

Tirso de Molina leva Beatriz a fugir de Tordesilhas para Toledo e relata-nos a aparição de Sto. António e S. Francisco de Assis. Desta forma, o enredo enriquece-se. Na comédia atribuída a Lope de Vega, não! É D. João, conde de Cifuentes, quem a leva a Toledo. E é também ele quem põe um ponto final à peça de teatro:

JUAN

Adonde ofrece el poeta
Del *Milagro por los celos*,
Y excelente portuguesa,
Segunda parte, senado;
Dad perdón á la primera.

3. As duas comédias de Blas de Mesa

Como já vimos, Tirso de Molina também esperava escrever outra comédia com a segunda parte do tema. Porém, nem ele nem o autor do *Milagro por los celos* levaram a sua promessa a bom fim. Nada consta, pelo menos.

Mais tarde, o toledano Blas Fernández de Mesa tornou a dramatizar esta «fábula ascética y conventual», como diz algo rudemente Menéndez Pelayo. A comédia de Blas Fernández de Mesa ficou manuscrita. Porém, o autor deixou pronta a segunda parte. E o facto de ela estar inédita nada prova contra a sua representação. Chama-se esta dupla comédia *La Fundadora de la Santa Concepción. Comedias, primera y segunda parte de la vida y muerte de Doña Beatriz de Silva, hija de los Condes de Portalegre*. A primeira parte estava já pronta em Toledo, a 11 de Junho de 1664, Diz no final:

Y si esta parte os contenta
que escribió *otra vez* la pluma
de Blas de Mesa, os ofrece
jamás vista, la segunda.

Ora bem, a segunda parte traz a data de 14 de Junho do mesmo ano. Quer dizer, levou uns três dias a copiar. Desta obra existem dois exemplares na Bibl. Nac. de Madrid. Por outro lado, sabemos que Blas de Mesa não era noviço na profissão. Com efeito, Palau, no *Manual del Librero*, diz-nos que lhe pertence a comédia *Cada uno con su igual*, de que saíram várias edições, a primeira delas em 1652.

E agora, perguntamos: Alguma destas comédias chegou a ser representada em Portugal? Julgamos que sim. Com efeito, a Madre Maria Benta do Céu, no séc. XVIII, conta-nos a vida de Sor Susana Grácia do Salvador, uma freira de Carrocedo, freguesia de S. Nicolau. Entrou para noviça em 1695, aos 21 anos, no convento concepcionista de Braga. Quis Deus que, «entrando com outras da sua idade na representação da *Comédia de D. Beatriz da Silva*, e chegando à jornada em que N. Senhora lhe falou, entrou a considerar nos enredos e farsas que se representam no theatro deste mundo e resolveo-se a seguir as verdades evangélicas. Tão contrita sahio de representar o seu papel que se desfazia em lágrimas»⁴⁰. Não seria decerto a primeira representação da peça, pois o tom da Madre Maria do Céu leva-nos a crer que se tratava dum costume já enraizado, o de representar a vida de Santa Beatriz da Silva.

Para se dividir em jornadas, devia a comédia ser comprida e não qualquer auto breve. Por outro lado, não nos lembramos de qualquer peça portuguesa, daquela época, em torno de Santa Beatriz da Silva. Seria a comédia de Blas de Mesa? Não nos parece, pois só andava manuscrita e Braga ficava muito longe de Toledo.

Pelo menos, é pouco provável. Tratar-se-ia da peça atribuída a Lope de Vega? Mas imprimiu-se unicamente no séc. XVIII. Seria também difícil chegar o raro e custoso manuscrito àquele conventinho provinciano. Resta-nos a comédia de Tirso de Molina, *Doña Beatriz de Silva*. O título é praticamente igual ao enunciado pela Madre Maria Benta do Céu. Além disso, andava impressa há bastantes anos e era famoso o seu autor.

Por outro lado, no séc. XVIII, quando se estampou a comédia atribuída a Lope de Vega, Sor Susana era já bastante velha e seria ridículo pô-la a representar o papel da linda e jovem Beatriz da

⁴⁰ MADRE MARIA BENTA DO CÉU, *Jardim do Ceo Plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Braga* (Lisboa, 1766) pp. 147-148.

Silva. Por conseguinte, optamos por Tirso de Molina, tanto mais que esta peça ganhou mais fama e era superior às outras. Só não sabemos se a comédia andava em português ou não. Talvez não. Ainda no séc. XVIII, algumas freiras poetavam de preferência em castelhano. Mas será melhor deixar um ponto de interrogação na alma do leitor, pois decorar tudo em castelhano parece-nos demais, sobretudo para freiras provincianas e de instrução rudimentar. Em suma, não podemos responder.

Para acabar, lembramos ao leitor o que chamaríamos a apoteose da Imaculada Conceição, na comédia de Tirso de Molina, e das representações ou figuras que nela aparecem glorificadas, sempre ao som da música: «Música, y en lo alto en medio del tablado san Antonio de Padua»...; «Música, y en una silla carmesí sentado a una parte Sisto Quarto, Papa»...; «Al otro lado frontero de Sisto se descubrirá a Paulo Quinto del mismo modo: Música»...; «Más abaxo a los dos lados, Toledo y Sevilla con sus armas: Música»...; «Al lado derecho mas abaxo el Rei don Jaime armado, con capa de la Merced y una tarjeta de sus armas»...; «Al lado izquierdo el Rei don Juan armado, con otra tarjeta de las mismas armas»...; «Al lado izquierdo armas»...; «En lo alto de todo entre unas peñas estará don Juan de Meneses de Fraile Francisco», etc., como atrás deixámos dito. Ao todo, sete «discoveries», para empregar o vocábulo inglês de N. D. Shergold,⁴¹ em *A History of the Spanish Stage from Medieval Times until the End of the Seventeenth Century* (Oxford, 1967). E acrescenta na mesma p. 230: «In several plays, the discoveries are more elaborate than those generally found, and this is particularly true of *Doña Beatriz de Silva*, in which there are seven of them, all simultaneously visible, and occupying the entire back façade of the stage».

Seriam as freiras de Braga capazes de montar esta complicada apoteose dramática, quase a abranger todo o palco, de alto a baixo? Julgamos que sim. Dispunham de tempo e, sobretudo, animava-as aquele feitio algo barroco e festivo que o povo minhoto revela na estrutura das grandes procissões, cheias de figuras de santos, grandes andores e «representações» do Antigo Testamento

⁴¹ Transcrevemos quase sempre estas frases espanholas conforme a ortografia algo modernizada de Shergold, na obra citada no texto.

Como as freiras bracarenses de Nossa Senhora do Conceição, do séc. XVII, também nós gostaríamos de ver no palco a «comédia» de Tirso de Molina. Mas a muita gente (e até para não perdermos a iniciativa criadora) agradaria mais a encenação de *Uma Glória de Campo Maior: Vida de Santa Beatriz da Silva*, pela concepcionista Soror Maria Teresa do Menino Jesus. Também ela, desde a infância, andou pelas ruas antigas de Campo Maior, outrora percorridas por Santa Beatriz da Silva, nos tempos de menina.

Trata-se duma comédia que enraíza no povo e na terra do Alentejo. E como as comédias de Tirso de Molina, também esta pertence a todo o povo e a ele se dirige. E é gente do povo de Compo Maior quem a representa, nos palcos do Alentejo e para além dele. Re-cria-se, desta forma, o teatro português — assim esta semente se desenvolva até ao fim e não morra sozinha.

Tirso de Molina decerto que aplaudiria esta «comédia» dos nossos dias, sobre um tema de antigamente, mas actual. No entanto, Soror Maria Teresa nunca leu a peça de Tirso de Molina. Antes assim, para não ficarmos na timidez paralizante da imitação.

MÁRIO MARTINS